



Revista Brasileira

FASE VII 🍀 OUTUBRO-NOVEMBRO-DEZEMBRO 2004 🍀 ANO XI 🍀 N° 41

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS 2004

DIRETORIA

Presidente: *Ivan Junqueira*
Secretário-Geral: *Evanildo Bechara*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *Marcos Vinicius Vilaça*
Diretor-Tesoureiro: *Cícero Sandroni*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto
Venancio Filho, Alfredo Bosi,
Ana Maria Machado, Antonio Carlos
Secchin, Antonio Olinto, Ariano
Suassuna, Arnaldo Niskier,
Candido Mendes de Almeida,
Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar,
Celso Furtado, Cícero Sandroni,
Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante
Bechara, Evaristo de Moraes Filho,
Pe. Fernando Bastos de Ávila,
Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy,
João de Scantimburgo, João Ubaldo
Ribeiro, José Murilo de Carvalho,
José Sarney, Josué Montello, Lêdo Ivo,
Lygia Fagundes Telles, Marco Maciel,
Marcos Vinicius Vilaça, Miguel Reale,
Moacyr Seliar, Murilo Melo Filho,
Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa,
Paulo Coelho, Sábato Magaldi, Sergio
Corrêa da Costa, Sergio Paulo Rouanet,
Tarcísio Padilha, Zélia Gattai.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL

Miguel Reale, Carlos Nejar,
Arnaldo Niskier, Oscar Dias Corrêa

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Nair Dametto

ASSISTENTE EDITORIAL

Monique Cordeiro Figueiredo Mendes

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Av. Presidente Wilson, 203 – 4ª andar
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021
Telefones: Geral: (0xx21) 3974-2500
Setor de Publicações: (0xx21) 3974-2525
Fax: (0xx21) 2220.6695
E-mail: publicacoes@academia.org.br
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

Sumário

Editorial

JOÃO DE SCANTIMBURGO	Questão social, caso de polícia?	5
----------------------	--	---

PROSA

MIGUEL REALE	Teoria do ser e perspectiva	11
ALBERTO VENANCIO FILHO	Notas sobre Maquiavel e o Brasil.	17
ALFREDO BOSI	O teatro político nas crônicas de Machado de Assis.	37
ALBERTO DA COSTA E SILVA	Gilberto Freyre na Ilha dos Amores.	77
CÉLIO DEBES	Washington Luís e a questão social	89
JOSÉ RENATO NALINI	Os três eixos da Reforma do Judiciário	109
SÂNZIO DE AZEVEDO	Da Costa e Silva e o sincretismo	121
LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO	Portella e a poética da reconstrução.	149
LUIZ CARLOS LISBOA	Além do império americano, o império dos sentidos	157
ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ	Relembrando Euclides	161
FRANCISCO MARINS	O curandeiro dos olhos em gaze (conto).	167
BENEDICTO FERRI DE BARROS	Sobre a poesia	183
MARCO LUCCHESI	Cartografia do imaginário	203
ADELTO GONÇALVES	Narciso de Andrade, o poeta do vento e das maresias.	207

POESIA

TASSO DA SILVEIRA	Poemas de um poeta esquecido	227
MARIA LÚCIA MARTINS	A condição de Pégaso / Garças.	239

GUARDADOS DA MEMÓRIA

NORBERTO BOBBIO	A democracia em questão	245
-----------------	-----------------------------------	-----



Questão social, caso de polícia?

JOÃO DE SCANTIMBURGO

Nos círculos intelectuais e na classe política, quase que em geral, não há quem não se lembre de Washington Luís, presidente de São Paulo, que teria dito, numa reunião no Palácio do Governo, no início da década de 1920: “A Questão Social é um caso de polícia.” O austero presidente do Estado e, mais tarde, o último presidente da República no fim de uma era – a do PRP –, que se exilou durante todo o governo Getúlio Vargas, no Estado Novo, sempre negou a autoria da frase.

Entrevistei-o quando ele regressou do exílio, depois da queda de Getúlio Vargas, banido do governo em 29 de outubro de 1945. Evidentemente, falamos sobre vários assuntos, fiz-lhe várias perguntas, e, no final do nosso encontro, perguntei pela autoria da frase fatídica, cujo peso foi enorme na sua carreira de homem público, de estilo perrepista, isto é, impoluto e íntegro. Respondeu-me que nunca a proferira, e quem era o seu autor. Ninguém mais do que o grande poeta paulista Amadeu Amaral,

então redator de *O Estado de S. Paulo*, membro da Academia Brasileira de Letras e autor de vários livros, entre outros um clássico, *O dialeto caipira*, que deve ter servido a Guimarães Rosa na elaboração de seus grandes romances, principalmente o *Grande sertão: veredas*. Não prossigo na revelação. Deixo-a para o colaborador Célio Debes, autor de um notável ensaio publicado neste número, com o título de “Washington Luís e a Questão Social”. Especialista na história do Presidente Campos Sales e no funcionamento do PRP, avocou, também, a especialização na carreira política de Washington Luís, sobre o qual já publicou dois volumes e está para publicar o terceiro e último volume. É deste que o autor tirou os dados para informar os estudiosos dos assuntos políticos brasileiros e os jornalistas apressados que nunca procuraram saber quem foi o verdadeiro autor da frase. Trazemos para as páginas da *REVISTA BRASILEIRA* um dos mistérios da política republicana e um dos pesos carregados a vida inteira pelo Presidente Washington Luís. Amadeu Amaral lançou a frase numa campanha pela deputação de uma das dissidências do PRP no início da década de 20. Ela circulou pela imprensa, sobretudo pelo *O Estado de S. Paulo*, e o autor deu-se por satisfeito, embora tivesse sido castigado, não conseguindo a cadeira de deputado.

Chamo a atenção dos leitores para o ensaio filosófico “Teoria do ser e perspectiva”, de autoria do professor e acadêmico Miguel Reale. O ilustre professor de Filosofia do Direito, hoje aposentado, com seus 93 anos de extrema lucidez, mergulha num dos problemas mais fascinantes e mais difíceis da filosofia, desde os pré-socráticos aos nossos dias. Os grandes pensadores, os que fecundaram a civilização e mudaram a sua direção na História, debateram esse problema, que se tornou tema constante de estudos e debates. O artigo do professor Reale deve merecer ampliação, mais do que a publicação nesta *REVISTA*, por sua densidade e seu profundo conhecimento do tema do Ser. Escrito numa linguagem ao mesmo tempo altamente técnica, leve e agradável para a sua compreensão, esse ensaio do Professor Miguel Reale é um trabalho que contribuirá para aclarar dúvidas dos estudiosos da filosofia e do problema do Ser e suas perspectivas.

O Acadêmico Alberto Venancio Filho, por intermédio do ensaio “Notas sobre Maquiavel e o Brasil”, retirou do ostracismo e do esquecimento o livro de Octavio de Faria, publicado em 1931. Mostra o autor do ensaio acolhido pela *REVISTA BRASILEIRA* a importância da leitura de Maquiavel e a sua relação com o Brasil. Estudo bem oportuno para o momento atual, com um novo partido político, compacto e estreante na administração e no governo da nação, é dos que merecem, depois da leitura com anotações paralelas, ser arquivado para consulta.

Finalmente, para não me alongar neste editorial, informo os leitores que acolhi o trabalho de José Renato Nalini, sobre ao três eixos da Reforma do Judiciário, dada a sua oportunidade, quando se discute em toda a nação, de norte a sul, a estrutura da Justiça, seus valores e defeitos, e como é praticada no Brasil. Trabalho de autor com a responsabilidade de ser o presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, junta-se a outros já publicados e os que hão de sê-lo, a fim de contribuir para a reformulação da Justiça, para que esta, sem redundância, seja mais justa do que já é. Este, em síntese, o editorial do número 41 da *REVISTA BRASILEIRA*, através da qual a Academia Brasileira de Letras oferece à reflexão e ao interesse dos brasileiros, em geral, o alto pensamento de figuras marcantes da intelectualidade brasileira. E como estamos no fim de mais um ano, vão as últimas considerações sobre o rolar do tempo.

~ O curso dos anos

Mais um ano se vai, desaparecendo na voragem do tempo, a única força a que ninguém resiste, a qual não há quem domine. Mais um ano chega, semelhante cronologicamente a outros que ficaram no passado, mas psicológica, sociológica e moralmente carregado de diferenças, se não nos fizer companhia a esperança, esta virtude que atenua os desconcertos da vida.

Ao entrarmos no Ano Novo, é com essa companheira, vestida de verde, a cor com que ela se impôs aos povos, aos que ainda não a conheceram e aos que já a perderam de vista e de contato. Os povos sempre tiveram esperança, inclu-

sive os povos dominados por tiranias implacáveis, como as que macularam de sangue e lodo algumas décadas de anos passados, até à queda do Muro de Berlim, ou até ao assassinio de Mussolini e ao suicídio de Hitler, três encarnações de Satanás, que mantiveram o medo como uma das condições quotidianas de nossa vida na face da terra.

Felizmente, uma parcela considerável da humanidade está saudando o Novo Ano com euforia, direi mesmo, com entusiasmo. São os que crêem em Deus e esperam que o Todo-Poderoso assista a esta pobre humanidade, que tanto tem sofrido numa civilização em agonia, sem embargo das fantásticas criações, descobrimentos e invenções da ciência. O ser humano caminha, por isso mesmo, embora nem sempre se dê conta de que o faz, no fio da navalha, sem saber se cairá nos abismos do nada, da perdição, das desilusões. Ou se tombará, amparado por forças invisíveis, do outro lado, onde possa gozar da paz e tranquilidade que as famílias necessitam para se ampararem nos seus múltiplos deveres para com os que dela dependem, durante longo período de tempo.

O que importa é que um ano passou, mas importa, igualmente, ter-se em conta de que não somos infalíveis. Que o acaso sobrepõe-se à necessidade, que a única lei da História é, como sempre foi, o acaso, e que, por isso, devemos nos precatar contra os imprevistos que fazem a História mover-se, dando-nos sempre a idéia de que o mistério do mundo é o de não podermos contar com o nosso futuro, senão preparando-o para não ser de malogros, como tem ocorrido para a maioria dos povos. Como cantou o poeta, na sua intuição soberba:

*Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

Estamos todos procurando sempre uma rima, no outro sexo, numa roda de jogo, que alimenta esperanças; estamos, enfim, nessa corrida atrás de abstra-

ções, de mistérios, de sonhos, de ilusões, sem que saibamos se chegaremos a ter, ao menos, um pouco do que desejamos e por que tanto lutamos, não raro até à exaustão.

Começa, por isso, um Novo Ano carregado de esperança, e com os votos que trocamos com os amigos, todos sinceros, com exceção dos simbólicos ou dos rotineiros, sem ligação com a condição humana. São os votos da esperança, das conjunturas satisfatórias. É esse o Novo Ano que desejamos para quantos me lêem, para todos os meus amigos, para todos os povos, para a Terra, que tanto necessita de paz, de compreensão entre os povos, em suma, para a civilização, que agoniza na beira do penhasco da perdição, para que ela se salve e, com ela, todos os habitantes da Terra.

Aos colaboradores

Solicitamos aos nossos colaboradores que não ultrapassem quinze (15) páginas. Obedecemos a um plano na edição da Revista, e artigos muito longos criam problemas para segui-lo.

Artigos enviados espontaneamente poderão ou não ser publicados. Os originais não serão devolvidos.